

Murilo Leal Pereira Neto¹

Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966), de Paulo Fontes²

Migrantes nordestinos encarapitados em precários paus-de-arara, em sua maioria analfabetos e sem qualificação para o trabalho industrial chegam a São Paulo à procura de emprego. Ademar de Barros conquistando eleitores em visitas às suas casas, tomando cafezinho e prometendo assistência social por meio de sua esposa, Leonor Mendes de Barros. Jânio Quadros tomando pinga com populares, vestindo sua capa surrada, salpicada de caspa. Essas imagens, que compõem estereótipos com os quais o imaginário social e acadêmico compôs seus conhecimentos sobre os fenômenos da migração e do populismo no Brasil pós-Segunda Guerra, estão presentes no livro de Paulo Fontes. Mas aparecem como componentes parciais, secundários, de processos sociais e históricos mais complexos e carregados de outros significados. *Um Nordeste em São Paulo* é trabalho minucioso e denso de desconstrução de paradigmas explicativos sobre migração, sindicalismo, urbanização e populismo no Brasil, no período 1945-1966, e de abertura de novos caminhos de reflexão e pesquisa, tendo como foco o caso do bairro de São Miguel Paulista, onde está situada a grande indústria Nitroquímica, fabricante de fibras artificiais e produtos químicos.

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e coordenador do Curso de História da Faccamp (Faculdade Campo Limpo Paulista).

² FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)*. Rio de Janeiro: FGV, 2008. 348 p.

A rica trajetória profissional e intelectual de Paulo Fontes, como participante de projetos coletivos de pesquisa e de encontros e debates em nível nacional e internacional, marca esta obra, adaptação da sua Tese de Doutorado. Para ficarmos em um primeiro exemplo, o livro de Paulo Fontes empreende um diálogo incomum com um amplo leque de autores de língua portuguesa e inglesa — britânicos, norte-americanos, indianos — situando o “estado da arte” de seu tema em alto nível e, ao mesmo tempo, mergulha em um oceano impressionante de fontes que vão desde depoimentos de operários, operárias, políticos e moradores de São Miguel Paulista até o cinema, a literatura de cordel e os programas de televisão.

O migrante nordestino que surge da meticulosa reconstrução de Fontes não é vítima da seca, dos coronéis ou da história. É sujeito que, coletivamente, a partir de condições dadas, faz escolhas, empreende projetos, imagina, sonha e luta. Este sujeito coletivo transita do rural ao urbano amparado por redes de sociabilidade às quais se integra e que ajuda a tecer. Esta é uma das descobertas do trabalho de Fontes: as redes de informações, proteção e solidariedade ligando parentes, amigos e vizinhos da comunidade de origem à de destino. Cartas e cartões postais, relatos de conterrâneos bem sucedidos, com ouro nos dentes, paletó e gravata, impressionando as moças; pensões em São Miguel Paulista; agenciadores da indústria Nitroquímica; colegas de trabalho mais experientes ensinando o serviço. Tudo isto compõe os fios com os quais se estabelecem as redes de relações, em grande parte informais, que fazem do processo migratório um movimento complexo e tenso de mudanças socioeconômicas, mas também de transformação e organização de novas identidades coletivas.

O processo migratório reconstituído por Paulo Fontes não tem um único local de origem e outro de destino, constituindo-se, muitas vezes, em movimento circular do rural ao urbano, de retorno ao rural e novamente ao urbano. Neste movimento, o modelo interpretativo que via um trânsito do arcaico ao moderno se desfaz. Em São Miguel Paulista as novas relações de trabalho na indústria e a nova identidade operária se fazem com e sobre os elementos da identidade rural e nordestina — sejam as festas, seja o mutirão, seja o forte vínculo de pertencimento ao grupo de origem: paraibanos, baianos, piauienses, pernambucanos.

A rede de sociabilidade é a chave, também, para a compreensão do populismo por um novo ângulo. A espessa trama

de relações e entidades associativas elaborada pelos moradores de São Miguel Paulista para a ajuda mútua, para o lazer, para a luta pela urbanização, constitui o universo preexistente a partir do qual os líderes populistas podem fazer política. Como argumenta Fontes, trata-se de uma relação de conflito e reciprocidade. Ademar ou Jânio não tinham liberdade para manipular e usar a massa de eleitores de acordo com seu arbítrio. Relacionavam-se com eles através de lideranças locais — como os vereadores Aurelino de Andrade e Tarcílio Bernardo — que, por sua vez, eram obrigadas a atender efetivamente as demandas coletivas por equipamentos urbanos e cidadania apresentadas pela população.

Além do conceito de *redes de relações sociais*, Paulo Fontes trabalha com o de *comunidade*, como noção histórica. Não se trata, é importante advertir, de um “habitat”, um coletivo humano sem conflitos ou um governo local. *Comunidade*, aqui, equivale a um senso de pertencimento a uma coletividade que confere identidade a moradores que são, também, trabalhadores e compartilham a experiência de problemas, conflitos e lutas relacionadas às questões urbanas e de trabalho. Fontes desfaz a oposição entre morador e trabalhador, cara ao paradigma de análise do populismo formado nos anos de 1960 e 1970, que entendia que o morador/massa, sem identidade de classe definida, absorvia o operário, diluindo-lhe a possível consciência de classe no mingau ralo que iria nutrir os movimentos populistas.

O livro de Fontes é trabalho de fino artesanato e acabamento primoroso quanto à sua lógica e sua escrita. Oferece-nos inúmeras surpresas, como a descrição do papel político dos clubes de futebol de várzea ou o claro posicionamento à esquerda de um Jânio Quadros em começo de carreira — apesar de seu anticomunismo — ou, ainda, a transformação de identidades em tempos e lugares diferentes — como a do nordestino “cabra macho” que vira grevista impetuoso. O enredo do cotidiano não é, entretanto, urdido sem balizas sócio-econômicas e políticas bem definidas. É na conjuntura do pós-Segunda Guerra, de crescimento industrial acelerado, virtual pleno emprego, expansão urbana marcada pelo “padrão periférico”, aprendizado dos ofícios na prática, agitação política pelas reformas de base e posterior reversão do quadro de esperanças com o golpe civil-militar de 1964 que a São Miguel Paulista e a Nitroquímica ganham sentido no texto de Fontes.

Não estamos diante, portanto, de um “estudo de caso” clássico, mas, talvez, de um exercício de micro-história em que a investigação de um caso representativo descobre os caminhos subterrâneos que permitem rever o itinerário das velhas explicações que nos levavam sempre ao mesmo lugar.



[Passaporte italiano. Itália, 1920].
(Coleção História da Industrialização, foto 00107, Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP, Campinas, São Paulo.)